

A Galeria Transparente e a Estética do Compartilhamento/ The transparent gallery and the aesthetics of sharing

Frederico Dalton¹

RESUMO

Este artigo apresenta a Galeria Transparente, uma galeria virtual de arte, como exemplo da Estética do Compartilhamento, que segundo o autor, é um procedimento e visão geral da vida em que a criação e a circulação da arte foram revolucionadas pela Internet. Com base na revisão do conceito de autoria realizado pelos pós-estruturalistas, este texto descreve uma situação na qual a arte de hoje é criada praticamente junto com seu público potencial nas redes sociais. Para uma infinidade de obras de arte contemporânea, é a possibilidade de compartilhá-las on-line com a motivação principal que impulsiona a ocupação do artista. Como projeto que deve seu nascimento à intensa utilização do Facebook®, a Galeria Transparente pode ser vista como a convergência de novas experiências de tempo, espaço e socialização trazidas pela Internet, nas quais noções bem estabelecidas como originalidade, novidade e curadoria são questionado.

PALAVRAS-CHAVE: arte digital, arte e Internet. Autoria. Curadoria galeria de arte virtual

ABSTRACT

This paper introduces Galeria Transparente, a virtual art gallery, as an example of the Aesthetics of Sharing, which according to the author, is a procedure and general outlook on life in which the creation and circulation of art have been revolutionized by the Internet. Drawing on the revision of the concept of authorship carried out by Poststructuralists, this text goes on to describe a situation in which today's art is created practically along with its potential audience on social networks. For a multitude of contemporary art works it is the possibility of sharing them online the ultimate motivation driving the artist's occupation. As a project which owes its birth to the intense utilization of Facebook®, Galeria Transparente can be seen as the convergence of new experiences of time, space and socialization brought about by the Internet in which well-established notions like originality, novelty and curatorship are questioned.

KEYWORDS: digital art, art and the Internet. Authorship. Curatorship. virtual art gallery

Mesmo se definindo como uma galeria de arte, a Galeria Transparente² coloca interessantes desafios a quem se proponha a situá-la no sistema de

¹ Artista plástico

² A Galeria Transparente é uma experiência híbrida que combina a fruição de uma imagem na tela de um dispositivo eletrônico com a consciência de que área fotografada efetivamente existe num lugar específico do Rio de Janeiro. Os internautas que veem a montagem final na tela do computador podem fruir esta imagem autonomamente ou imaginá-la como objeto físico

produção e circulação da arte contemporânea. Em primeiro lugar, ela se diferencia da maioria das galerias de arte virtuais por não se configurar como uma coleção de fotos das obras de arte a serem vendidas. Na Galeria Transparente, cada exposição é na verdade a inserção de uma imagem digital sobre uma fotografia, aliás, uma mesma fotografia que é fornecida ao artista como espaço expositivo. E é aqui que este projeto lança a primeira questão que considero relevante. A quem pertence, quem detém a autoria da montagem final? Esta montagem (inserção digital da imagem criada por um artista sobre a imagem que forneço a ele) é apresentada como uma exposição daquele artista, como uma obra de arte dele ou dela. Todavia, um olhar mais atento certamente poderia percebê-la como o resultado de uma autoria compartilhada entre o criador do projeto (Frederico Dalton) e o artista criador da imagem inserida. E, ainda, numa visão mais crítica, a Galeria Transparente poderia até mesmo ser considerada uma obra conceitual do artista Frederico Dalton, da qual uma centena de artistas participa. Esta percepção lançaria o próprio conceito de “galeria” em um campo semântico fluido, onde um elemento de ironia não poderia ser ignorado.

A relativização do conceito de autoria, ou da função do autor, tem uma história. Essencial para conhecê-la seria a leitura de, por exemplo, “A Morte do Autor”, de Roland Barthes (texto publicado em “O Rumor da Língua”, São Paulo: Martins Fontes, 2004). Trata-se de uma história reativada pela Internet e que pode ser vivenciada cotidianamente na circulação de imagens tornadas anônimas e compartilhadas *ad infinitum* no mundo virtual. Quem é o autor dos filminhos, mêmes e imagens “geniais” passadas à adiante em milhões de contas de Whatsapp? Quem é responsável pelo conteúdo da Wikipédia e de outras enciclopédias e dicionários *online*? Qual será o destino de nossas imagens publicadas no Facebook? Aliás, a quem pertencem as imagens de

na calçada real. Esta convocação da imaginação do espectador é um elemento importante na seleção das montagens para o acervo. É o ilusionismo presente nas montagens que leva muitos internautas a acreditarem que as obras realmente estão instaladas na calçada. No campo da performance, a Galeria promove a realização de ações tanto na plataforma na calçada, quanto em eventos e exposições físicas. Tendo sido inserida de forma inesperada e não planejada na proposta original da Galeria Transparente, a arte da performance acabou se tornando elemento essencial para a GT por estimular a reflexão sobre a importância da presença do corpo do artista num mundo contemporâneo em que grande parte do vivenciamos hoje nos chega imaterialmente por meio da Internet.

nosso corpo captadas pelas câmeras dos sistemas de vigilância? No mundo chamado real, proliferam os coletivos de arte. Fluidez e anonimato parecem caracterizar nossa vivência com a criatividade na era da Internet. O conceito de “apropriação”, um procedimento bastante usual na arte contemporânea (Richard Prince, Damien Hirst, Jeff Koons), ganha aspectos novos na Revolução Digital. O movimento “Occupy Wall Street” disseminou o uso do termo “ocupação” nas exposições de arte. Várias delas se definem como ocupação. De “ocupação” e “apropriação” a “compartilhamento” há um caminho onde a figura do dono ou do criador-dono se fragiliza. Mas não apenas isso. A própria identidade deste apropriador se torna inacessível, invisível, irrelevante.

Proponho que o momento cultural que vivemos se caracteriza por uma Estética do Compartilhamento. E é neste ambiente estético que a GT surgiu e floresceu. Definir esta suposta Estética do Compartilhamento é pensar um sujeito contemporâneo reconfigurado pela Internet, dependente de seu celular e das redes sociais, superficial, *multi-tasking*, maravilhado com a Revolução Digital e ao mesmo tempo abalado com os possíveis desdobramentos de um mundo cada vez mais complexo. Como na arte conceitual, a Estética do Compartilhamento sublima mais os procedimentos do que as obras finalizadas. É uma estética muito mais do ser do que do ver/ouvir, uma estética na qual não seria correto falar-se de uma “recepção” da arte, já que o espectador não é apenas aquele que vê ou ouve um conteúdo mostrado na tela de seu dispositivo. Seu ver é também é um influenciar, um fazer. Sua recepção-fazer é definidora do trabalho de criação do artista internauta.

Na era da Estética do Compartilhamento, os dispositivos eletrônicos são praticamente parte do corpo do espectador. No futuro haverá computadores vestíveis (roupas inteligentes) e *chips* inseridos no nosso corpo. Este futuro já começa hoje, com a simbiose, pelo menos emocional, entre um aparelho celular e seu dono. É este o ambiente que fomenta a Estética do Compartilhamento.

A Estética do Compartilhamento inclui a reação imediata que pode ser recebida do outro a partir da postagem de um conteúdo numa rede social. Aliás, a Estética do Compartilhamento envolve uma completa revisão do Outro. A internet e as redes sociais introduziram uma nova e incomensurável dimensão à reflexão sobre o Outro. Quem é este outro que nos observa, nos

reconfigura, nos estimula e controla do outro lado da tela do computador? Quem é este outro que armazena nossos dados? Quem é este outro em quem nós mesmos nos transformamos agora que somos dependentes da internet? O outro, que tradicionalmente era singular, hoje vem plural, fragmentado, espalhado e globalizado. Aparentemente horizontalizado, ele nos confronta com novas estruturas de poder. É neste outro que está instalada a Galeria Transparente. A Estética do Compartilhamento introduz uma variedade de novos “sublimes” no sentido kantiano, e um destes sublimes é este outro terrível, atencioso e inescapável, com o qual compartilhamos nossa vida e nossa criação e que nos segue incessantemente.

A história da Galeria Transparente se origina do uso peculiar que tenho feito do Facebook desde que me inscrevi nele. Tento transcender a utilização habitual deste mecanismo. Opero o Facebook como um ateliê aberto ao público, um ateliê de portas abertas onde compartilho minhas criações no campo da fotografia e da literatura. E é óbvio que faço isso pelo prazer proporcionado pela reação imediata dos amigos e desconhecidos. Esta reação é tão essencial como motivação para a criação artística que se torna parte do que crio. Minha página no Facebook não é apenas algo aberto à contemplação. A necessidade da participação do outro é tamanha que ele se integra ao que é criado desde as minhas ideias mais iniciais. Crio para o Facebook, crio com as pessoas que possivelmente verão o que faço no Facebook. Crio para compartilhar no Facebook.

O que legitimou a existência da Galeria Transparente foi uma “curtida”, ou melhor, um número animador de “curtidas”. É assim que vivemos na era da Estética do Compartilhamento, assim é o sujeito contemporâneo: dependente de *likes*. O dia foi um domingo, 27 de julho de 2014, uma tarde chuvosa. Eu caminhava em direção à minha casa. A propósito, não só a utilização peculiar que faço do Facebook desemboca na criação da Galeria Transparente, mas também minhas caminhadas como *street photographer* pela cidade. Só que naquele dia, apesar de meu olhar sempre atento ao drama das ruas, me deparei com algo que já fazia parte do cenário de minhas caminhadas há vários anos, mas que escapara ao meu olhar: uma plataforma na calçada da Rua da Glória, no bairro de mesmo nome, onde resido. Esta plataforma havia sido construída pela prefeitura para receber uma banca de jornal que nunca se

mudou para lá (erro de projeto? briga judicial?). Continuava vazia. Vazia como eu também me sentia naquele momento; vazio e desanimado com a ausência de convites para expor e principalmente inconformado por não estar fazendo parte de uma determinada exposição em cartaz naquela ocasião. Decido então que aquela base retangular é uma galeria de arte, a minha galeria de arte, onde posso expor o que quero e para a qual não dependo de convites nem de curadores: eu posso ser minha própria galeria de arte, eu posso ser o meu próprio sistema de arte. E se eu postar esta galeria no Facebook, ela certamente terá um alcance imenso, poderá me proporcionar o prazer das reações imediatas que eu já deliciava com outros tipos de postagem. Volto para a casa, pego minha câmera, fotografo a tal plataforma, insiro nesta foto a imagem de um trabalho meu e apresento a montagem como uma exposição que acaba de ser inaugurada numa nova galeria, uma galeria numa calçada, uma ocupação! Os primeiros *likes* começam a pipocar. Nasce a Galeria Transparente.

A partir deste instante, a história da Galeria Transparente é também a história das descobertas sobre suas características como meio artístico e sobre sua relação com a contemporaneidade. E o primeiro fato a constatar é que a GT não surge apenas de uma crise pessoal, existencial e criativa. Sua concepção (e crescimento) coincide com a mais grave crise vivida por este país. Afinal, em março de 2014, alguns meses antes da invenção da galeria, a Operação Lava-Jato havia sido deflagrada. Além disso, a cidade, que já havia sofrido com o jeito rude das manifestações dos Black Blocs de julho de 2013, ainda encontrava-se em estado de extrema vulnerabilidade. A Galeria Transparente é uma galeria sobre a cidade, relaciona-se com um pedaço real da cidade, é um híbrido que articula o poder da imaginação de quem vê as montagens finais no Facebook e Instagram e um trecho real da cidade. A crise que o país atravessaria a partir de então sem dúvida afetaria a cidade, a relação das pessoas com sua cidade. Qual seria a ligação entre a consolidação da Galeria Transparente e a profunda crise na qual ela nasceu?

Caberia aqui perguntar se a Estética do Compartilhamento não teria elementos “terapêuticos”, ao criar um ambiente de estímulo mútuo, onde relações sociais seriam revigoradas, a importância de um “like” significando a revalorização do coletivo, algo essencial para a superação de crises? Será por

isso que atualmente se fala tanto em afeto? Seriam as crises libertadoras? Lembremos que ter surgido numa crise não é privilégio da Galeria Transparente. A própria arte contemporânea resulta de uma crise que, no grande esquema das coisas, é a crise da civilização ocidental. Pensar a Galeria Transparente é refletir sobre crises. O que são crises? Algo que relativiza o poder, revira a ordem estabelecida, redireciona o olhar, reacende o senso do agora, valoriza aquilo que temos à disposição, o material que temos para trabalhar, suscita complexidade?

Outra revelação pertinente sobre a GT diz respeito às novas características do tempo trazidas pela Internet. A revolução digital significa uma revolução no ordenamento do que é novo, recente, atual. Não existe uma hierarquia de novidade nas exposições da Galeria Transparente. Elas estão à disposição do internauta 24 horas por dia, sete dias da semana. Todas são igualmente atuais. Uma inauguração de exposição não significa que esta mostra descortinará um mundo mais contemporâneo. Assista-se a um vídeo no Youtube sobre um cantor estrangeiro que você não conhece e talvez você conclua que o vídeo mostra o artista como ele está hoje. Continue a pesquisar vídeos sobre o artista e você poderá descobrir que aquele primeiro vídeo é bastante antigo. O artista hoje está bem mais velho ou talvez já tenha falecido. No Youtube, assim como na Internet, os tempos estão desordenados. Outro exemplo desta horizontalização do tempo na cultura atual: Em muitas de suas exposições, o fotógrafo alemão Wolfgang Tillmans reúne fotografias de diferentes eras de sua trajetória artística. A “novidade” de suas exposições aparece, então, não no fato de ela conter imagens mais recentes, mas na maneira nova como ela é instalada, com fotos de diferentes épocas, em cada novo espaço expositivo.

Autoria revisitada, um novo sentido de tempo, a percepção de uma crise, o ser humano reconfigurado por sua dependência de dispositivos e redes sociais, a vulnerabilidade da cidade, o novo Outro... É bastante longa a lista de temas a que se pode chegar quando se mergulha na superfície imaterial da Galeria Transparente. Eu acrescentaria ainda algo como questões acerca da imaterialidade na arte e na vida cotidiana e a importância do vazio. Todos estes itens podem ser agrupados em torno da Estética do Compartilhamento. Quando se pensa que compartilhar é também dividir, atentamos para a

importância do fragmento, da convergência e da incompletude. O vazio da Galeria Transparente na calçada da Rua da Glória e na foto a ser completada é uma fonte, é pura virtualidade. O que define a GT é ser uma lacuna grávida de possibilidades. Na Estética do Compartilhamento o que importa são os espaços a serem preenchidos, e que se fragmentam ao serem compartilhados. Interessa-me o oco dos vasos comunicantes, as carências que nos levam a criar galerias virtuais.

Tenho uma tese que talvez seja original: a de que a Galeria Transparente deriva de ou situa-se em uma "Estética do Compartilhamento". Esta estética reúne uma série de procedimentos inaugurados ou intensificados pela revolução digital. Hoje, o espectador se configura como espectador-criador, já que sua atuação, numa sociedade dependente do compartilhamento da vida nas redes sociais, se manifesta já no desejo de ser fazer uma foto, criar um texto, conceber qualquer objeto cultural. Este desejo de compartilhar no Facebook foi certamente um dos elementos deflagradores da criação da Galeria Transparente. Por isso, creio poder apresentá-la como um manifestação da Estética do Compartilhamento.

Estou tentando encontrar fundamentos para embasar minha tese da existência de uma "Estética do Compartilhamento", da qual a Galeria Transparente seria um exemplo. Parto do princípio de que Estética não apenas seria o estudo de objetos artísticos, sua aparência, seu lugar no mundo, mas também abrangeria o conjuntos de relações sociais que os geraram. Como exemplos, a pintura religiosa até o Barroco tem uma função didática, a pintura a óleo está atrelada à dinâmica da comercialização da arte, e a Pop Arte revela os mecanismos da indústria publicitária no relacionamento com os consumidores. A Galeria Transparente foi criada com o claro objetivo de ser compartilhada no Facebook, uma "rede social". Na imagem, um trabalho de Black Point ([Miriam Neiken](#), artista alemã baseada na cidade de Duisburg).

O que nos move é o compartilhar nas redes sociais. Compartilhar é pressupor necessidades, carências. E emparelhá-las. Compartilhar é acreditar que existam vazios a serem preenchidos, em mim, em você, nas cidades, nas imagens. Compartilhar é recompensar os vazios, é uni-los. Compartilhar é curtir o oco dos vasos comunicantes. O compartilhar abraça vazios, os assume, os valoriza. Vazio como ponto de partida e de chegada. Vazio, como fonte de

informação, incentivador da criatividade. A Galeria Transparente é um constante vazio sendo preenchido e compartilhado. Um vazio pleno de possibilidades, de virtualidade. Por isso é complexo. O vazio dialoga com a complexidade contemporânea.

A Galeria Transparente insere-se no contexto da crescente complexidade que vivenciamos com a revolução digital. Um dos motivos pelo qual o mundo é mais complexo hoje é porque não podemos escapar da experiência com a imaterialidade. Representada, por exemplo, pelo “internet banking” e pelas telas de TV cada vez mais finas (e que talvez um dia se transformem em meras superfícies luminosas suspensas no ar, como em “Minority Report”), a imaterialidade coloca em xeque a “fiscalidade” do nosso corpo. O dilema corpo/alma é suplantado pelo par corpo/imaterialidade, que traz elementos novos a serem processados para além do campo metafísico. Como experiência imaterial, a GT pode colaborar para a discussão sobre a complexidade do mundo contemporâneo.

É fascinante a proximidade entre as palavras compartilhar e dividir. Aliás, no idioma alemão, o verbo usado para “compartilhar” é o mesmo que dividir (*teilen*). Então poderíamos pensar que compartilhar é também dividir, fragmentar. Fala-se de um mundo contemporâneo cada vez mais “fragmentado”... Seria porque nele cada vez mais dependemos de compartilhar nossa vida nas redes sociais? A Estética do Compartilhamento é a estética do fragmento, das colagens, das assemblagens, das criações coletivas, das ocupações, da perda da totalidade, da reunião de substâncias díspares: e aqui penso nos materiais de sucata que compõem as “pinturas” de Vic Muniz.

Meine Absicht ist es, die Galeria Transparente in der gegenwärtigen kulturellen Weltanschauung zu orten. Éééééßß AuéééCðé233éé□øøéGaleria Transparente (die Durchsichtige Gallerie auf Deutsch) ist eine hybride Galleria für Kunst und Fotografie.

Transparência é complexidade. Quanto mais informações se abrem aos sentidos, mas há o que conhecer, processar ou mesmo ignorar. Mesmo que se opte por fechar olhos e ouvidos, o que a transparência pode revelar estará sempre potencialmente lá, como um rosto que a qualquer momento pode se mostrar através da vidraça de uma janela fechada. A relevância da

transparência cresce com a contemporaneidade. Quanto mais se questionam as conquistas da civilização ocidental, desmascaradas pelo colonialismo, guerras mundiais e autoritarismo, mas cresce a procura por transparência, como luta por democracia e honestidade. Já na Idade Moderna aperfeiçoamentos na tecnologia do vidro e das lentes proporcionaram que telescópios provassem definitivamente a correta situação do planeta Terra. No começo do século 20, Naum Gabo desenvolvia esculturas em plexiglass. Seguiram-se a arquitetura “curtain wall”, enchendo nossas cidades com arranha-céus “de vidro”, a “Glasnost” de Mikhail Gorbachev, a emergência da transparência na moda dos anos 1990 e as agências de combate à corrupção, como a Transparency International.

A era da Internet lança novos desafios em relação à transparência, pois ao mesmo tempo que o “vidro” das telas nos abrem universos e universos de informações, aumenta a opacidade sobre as estratégias utilizadas para nos observar, controlar e influenciar.

Toda obra de arte fala sobre seu suporte. Uma pintura fala sobre tinta; um desenho fala sobre lápis e papel; uma escultura em mármore, sobre mármore. É em diferentes níveis de intensidade que um suporte pode se revelar. Por exemplo, onde uma pintura pretende ser uma janela para um mundo particular, principalmente numa representação altamente realista, o espectador é tão impactado por uma imagem que a materialidade da tinta torna-se quase inacessível. No entanto, ela está lá, e, aliás, a técnica usada para minimizar pinceladas pode, num olhar mais cuidadoso, acabar enfatizando o “corpo” do suporte, por exemplo, se tiver sido usado verniz. Qual é o suporte da Galeria Transparente? Em consonância com a época em que vivemos, serão múltiplos os suportes possíveis para a GT. E ao existir, a GT estará sempre falando sobre digitalização, celulares, TV-monitores, computadores, fotografia, vídeo... Mas para além dos dispositivos, o suporte das imagens da Galeria Transparente é também o corpo do espectador, corpo do qual os celulares já parecem ter se tornado parte, corpo individual que parece já ter se integrado ao corpo global de usuários de celulares em todas as partes do mundo, corpo que se funde com telas quando um internauta perde a noção de si ao surfar pelo mundo virtual, corpo que oscila entre o próprio desaparecimento e a função básica de segurar um aparelho para que ele não

caia no chão. (Na imagem, trabalho de [Gloria Mota](#) para a Galeria Transparente)